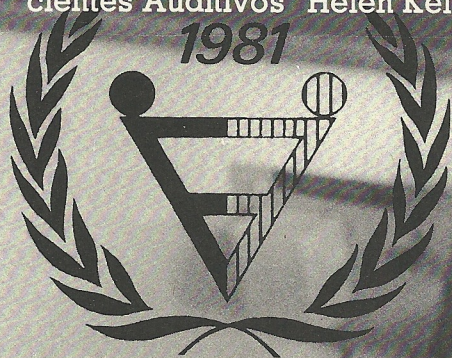


**ENTREVISTA** com o professor Mário Braga que, com sua equipe de profissionais especializados, desenvolve o processo educativo da Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos "Helen Keller".



# DA A CAMINHO REINTEGRAÇÃO

O Prof. Mário Braga.



**A** pessoa deficiente é, antes de tudo, uma pessoa. E com certeza todo mundo está mais consciente disso após quase um ano de divulgação, debates e esforços realizados no sentido de incrementar a integração social do deficiente. Mas estas atividades só puderam vir à tona porque os próprios deficientes tomaram mais consciência de sua função insubstituível na sociedade e porque inúmeras pessoas, associações, organizações, setores públicos vêm já realizando por anos e anos a fio um árduo trabalho de reabilitação, educação, profissionalização de pessoas portadoras de

vários tipos de deficiência física e mental.

Um destes casos é a Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos "Helen Keller". Seu atual diretor é o professor Mário Joel da Silva Braga, que há mais de trinta anos vem se dedicando a esta atividade.

A organização funcional da Escola — que conta com uma equipe de profissionais altamente especializados e com recursos técnicos bastante avançados — suscita grande curiosidade. Entretanto, o que mais chama a atenção é o processo educativo que ali se desenvolve, num clima de intenso calor humano, gerado pe-

los incontáveis atos de acolhimento a cada criança, de orientação e apoio aos pais, de contato com empresas e entidades públicas para ampliar as possibilidades de integração social dos jovens deficientes reabilitados...

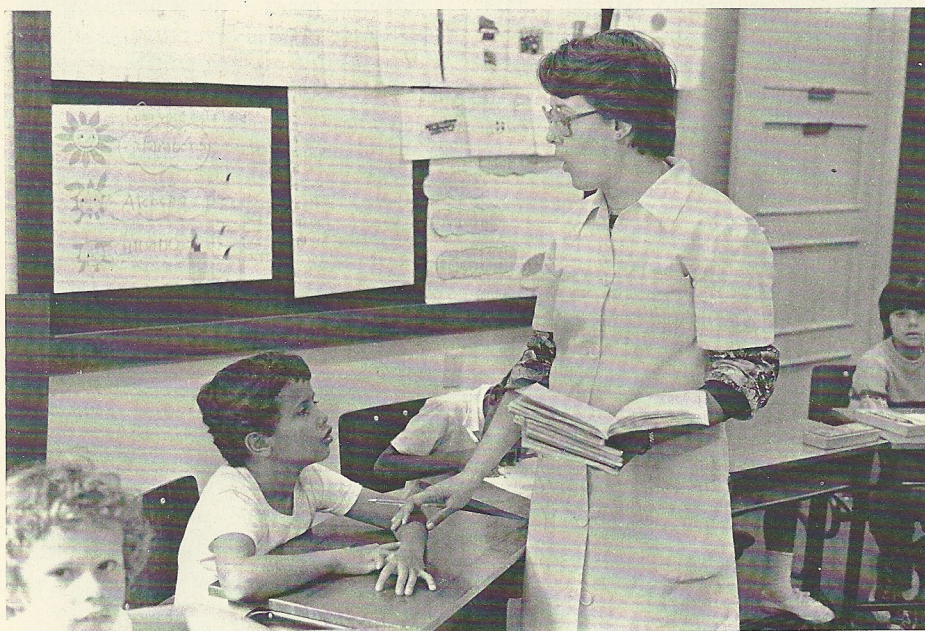
É este imenso trabalho desenvolvido passo a passo, reassumido momento por momento, que transparece nas salas de aula, nas cabinas de treinamento auditivo, no clube de mães, nos pátios de recreio e ginástica, assim como nas palavras do professor Mário, nos gestos das professoras ou no semblante vivaz dos meninos e meninas que já se comunicam mesmo sem ouvir.

### A criança tem dificuldade para ouvir. O que fazer?

São muitos os motivos que podem levar uma criança à perda total ou parcial da audição. Entre as causas congênitas, a principal é a rubéola, quando contraída pela gestante nos primeiros meses da gravidez. Há também a surdez hereditária e a contraída pelo bebê em razão de problemas de parto. Mas um dos fatores que mais determinam a surdez em crianças nascidas nos países subdesenvolvidos é a carência vitamínica da mãe, o que acarreta sérios problemas de formação do feto.

São também numerosos os casos de surdez adquirida. Alguns se devem a doenças como meningite e sarampo. Mas a maioria deles é consequência da ação colateral de remédios indevidamente ministrados. Alguns desses remédios, chamados ototóxicos (estreptomina, kanamicina, glutamicina e outros) podem provocar surdez progressiva depois de ingeridos. Além disso, «aqui no Brasil – diz Mário Braga – muitas mulheres, desorientadas e oprimidas por situações difíceis, tomam doses maciças de abortivos. Algumas não conseguem abortar ou se arrependem, deixando a gestação continuar. Em muitos casos, então, a criança nasce surda, cega, deficiente mental ou física».

Em qualquer caso, há grandes chances de recuperação ou reabilitação auditiva, quando se faz o diagnóstico e o tratamento precoce, isto é, nos dois primeiros anos de vida. Entretanto, é muito freqüente que, pela desinformação ou desatenção dos pais, o problema auditivo seja detectado só tardiamente, o que reduz muito as possibilidades de recuperação ou torna mais difícil o tratamento. Muitas vezes, certas crianças, ao entrar na escola primária, são considera-



**Em todas as fases do aprendizado, tem papel importantíssimo o envolvimento pessoal e emocional do professor no trabalho. E uma atividade que depende, e muito, de quanto amor ele coloca no relacionamento com os educandos.**

das débeis mentais, enquanto, na realidade, têm apenas dificuldades para ouvir.

Há sinais seguros que indicam algum problema de audição na criança. Um bebê, aos seis meses de idade, já deve assustar-se com os sons, procurar sua origem com movimentos de olhos e cabeça, parar de chorar ao ouvir músicas. Aos nove meses, já deve responder quando chamado, balbuciar “mama”, “dada”, etc. Se a criança não reagir assim, os pais devem procurar logo orientação do médico pediatra e do especialista.

Segundo o professor Braga, existe uma diferença fundamental entre o sur-

do de nascença e aquele que adquiriu a surdez depois dos 3 ou 4 anos de idade: «Se o paciente ficou surdo depois de ter aprendido a falar ou de ter adquirido pelo menos algumas noções de linguagem, a reabilitação auditiva é menos difícil, porque ele tem uma idéia do que é comunicação. Se a criança nasceu surda, não tem a menor noção do que é som, do que é a voz humana; a fala desta criança está totalmente prejudicada e sua educação vai exigir um programa muito especial». Mas, se a criança tem apenas uma deficiência leve, ela pode perfeitamente ser educada em uma escola comum, bastando apenas tomar alguns cuidados.



## No "Helen Keller", o tratamento adequado

O atendimento no Instituto Helen Keller começa já aos dois anos de idade. Numa primeira fase, a criança passa pelo chamado "atendimento parcial", para estimulação precoce, que prevê uma frequência de dois dias por semana. Nesta etapa do tratamento, é importante também a presença da mãe, face às peculiaridades da situação de seu filho. Neste aspecto é fundamental criar nas mães a aceitação do problema, encorajá-las e ajudá-las a superar a frustração de ter um filho deficiente.

A direção do Instituto, pensando justamente em preparar melhor as mães



mais profundamente as famílias e integrá-las no trabalho desenvolvido pela escola.

«Muitas mães – diz o professor Mário – chegam aqui dizendo coisas como "o que foi que eu fiz para Deus me castigar?" Procuramos, então, trabalhar no sentido espiritual da coisa. Se ela já tem uma formação religiosa, fazemos notar que a surdez de seu filho não é um castigo divino. Pelo contrário, Deus a escolheu para realizar uma missão especial. Desse modo, poderá vir a ser um modelo para outras mães e para outras pessoas que se angustiam com milhões de pro-

**O processo de educação é personalizado. Cada turma é, em geral, de oito alunos. Nas salas especiais de treinamento auditivo, aparelhadas com equipamentos eletrônicos, com tambores, maracás, triângulos e chocalhos, os alunos são treinados para distinguir os sons graves e agudos, a presença e ausência de som e, enfim, a prestarem atenção auditivamente ao som.**

**Em baixo: «Procuramos incentivar a criatividade no aluno, a partir daquilo que ele mais gosta de fazer. Nós lhe ensinamos algumas técnicas artísticas. Mas ele tem total liberdade de criar o que quiser, com todo o nosso apoio.»**



para contribuírem no trabalho educativo, formou o "Clube de Mães", integrado por aquelas senhoras que vêm trazer seus filhos para a escola e que, por morar longe, ficam esperando até o término das aulas. O programa de atividades deste grupo inclui aulas de pintura em tecido, corte, costura e bordado, etc. Através deste grupo, pode-se conhecer

blemas, que não são nem a metade do que ela está passando. Mostramos que Deus é Pai, que aquele problema não é um castigo, e que quanto mais ela se empenhar, mais será risonho o futuro dela e sobretudo da criança, que vai precisar muito do apoio emocional e afetivo da mãe».

A equipe do Instituto se compõe basi-

camente de psicólogos, fono-audiólogos e professores especializados. O trabalho do Assistente Social consiste em procurar levantar um perfil da vida do educando, além de proporcionar todas as condições para que ele seja inserido no curso sem maiores problemas. Ao psicólogo compete fazer um levantamento amplo sobre o comportamento, relacionamento e aceitação da criança face ao mundo exterior, além de verificar o seu processo de maturação psico-motora. Enquanto isso, o fono-audiólogo submeterá o paciente a vários e sofisticados testes, que fornecerão a exata medida da deficiência do futuro aluno. Depois desta fase preliminar, ele será entregue aos pedagogos, que serão encarregados de desenvolver, com métodos específicos, todo o processo educacional, visando a reabilitação da criança.

## Integração e Profissionalização

«Nossa grande preocupação – afirma o professor Braga – é a formação profissional dos alunos. Seria muito pouco se eles saíssem daqui com um diploma de primeiro grau para lutar no mercado de trabalho em condições desfavorá-

A escola leva o nome de Hellen Keller, figura quase legendária no mundo dos deficientes físicos.

## O milagre de Helen Keller

**O** que mais surpreendia nela era a sua vitalidade, exuberância e otimismo. Costumava dizer: «Minha vida foi feliz, porque tive magníficos amigos e muito trabalho para me absorver a atenção. Quando penso nas minhas limitações, estas nunca me fazem ficar triste. Talvez sinta às vezes um vago desejo de ver e de ouvir, mas isso é como uma brisa que sopra através de um roseiral. A brisa passa e as roseiras ficam...» Helen Keller nunca se cansou de dizer o quanto devia à sua primeira professora, Anne Sullivan, sobre quem chegou a escrever um livro intitulado "Minha Libertadora". Até então era uma prisioneira das trevas e do silêncio, impossibilitada de comunicar-se com o mundo.

Seus pais, Arthur Keller e Kate Adams Keller, que viviam em Tuscumbia, no Estado de Alabama (EUA), estavam quase desesperados, com a criança que crescia forte e selvagem, sem ninguém que a pudesse domar ou comunicar-se com ela. Após muita procura, finalmente encontraram alguém capaz de assumir a educação da criança. Era uma moça de vinte anos, Anne Sullivan, que, parcialmente cega, aprendera a se comunicar com cegos e surdos-mudos através de um alfabeto manual, cujos sinais eram transmitidos por toques na palma da mão do interlocutor.

Só depois de três meses de luta, Anne Sullivan conseguiu fazer com que a menina Helen Keller confiasse nela e compreendesse o seu sistema de comunicação. Abriu-se, então, o mundo à inteligência vigorosa da criança. Seus progressos foram rápidos. Ela não tardou muito a ler o que se dizia, não mais pelo toque na palma das mãos, mas colocando os dedos sobre os lábios de quem falava. Sarah Fuller ajudou-a, mais tarde, a desenvolver a elocução.

De 1888, data do "milagre" de Anne Sullivan (agora consagrado pelo filme e peça teatral que tomaram este título), até o ano de 1892, ela tinha aprendido o bastante para escrever a sua primeira história. Tinha então doze anos. Não surpreende que quisesse dedicar-se às letras, sendo o pai, como era, diretor de um pequeno jornal.



**A jovem Helen Keller com sua professora Anne Sullivan. Esta conseguiu fazer com que a menina compreendesse seu sistema de comunicação, cujos sinais eram transmitidos por toques na palma da mão do interlocutor. Helen Keller fez progressos rápidos e logo aprendeu a ler o que se dizia, não mais pelo toque das mãos, mas colocando os dedos sobre os lábios do interlocutor. Com isso a jovem, que era cega, surda e muda, pôde se desenvolver tanto que se tornou uma das mais impressionantes mulheres de nosso tempo.**

veis». Assim, o processo não termina com a conclusão do curso proporcionado pelo Instituto Helen Keller. A escola mantém convênios com outros estabelecimentos mais aparelhados para fornecer ao aluno a especialização naquele campo para o qual mostrou vocação.

A Orientadora Educacional, num tra-

balho integrado com a família, procura descobrir o que a criança gosta e é capaz de fazer. Após os 14 anos, o aluno é encaminhado para as escolas normais ou especiais como o SENAI, o SENAC, onde vai aprender uma profissão. Ainda lá, continua recebendo um acompanhamento sistemático do Instituto Helen

Keller, até completar sua formação profissional.

Uma vez terminada esta especialização, entra novamente em cena o Serviço Social do Helen Keller, que tem um levantamento atualizado das possibilidades de colocação do deficiente recuperado no mercado de trabalho. A assistente



social procura, num trabalho constante, conscientizar os empresários sobre a conveniência de empregar aquele indivíduo que não ouve, e se comunica com dificuldade, mas possui um grande potencial de trabalho. «Mesmo nos casos de retorno, de desajuste na empresa, nós procuramos de todas as formas descobrir mais uma oportunidade para ele. O nosso trabalho só termina quando o deficiente estiver perfeitamente integrado na sociedade», afirma a Assistente Social do Instituto. «Com efeito, muitos ex-alunos nossos hoje estão empregados em grandes empresas, e desempenhando muito bem seu trabalho».

A sondagem das aptidões profissionais do deficiente começa já nos primeiros dias de sua permanência na Escola. «Procuramos incentivar a criatividade do aluno a partir daquilo que ele mais

(continuação da pág. 9).

Pouco depois, Helen Keller começava a obter publicidade na imprensa. Com 14 anos, já podia ingressar em colégios, como a Wright-Homason School for the Deaf, em Nova Iorque, de onde passaria para a Cambridge School for Young Ladies, em Massachusetts. Em 1900, aos 20 anos, iniciava ela o curso universitário, em Radcliffe, façanha que seria extraordinária se já não o fosse a sua diplomação, com a nota máxima, em inglês e em alemão.

Ainda estudante, em Radcliffe, ela ganhou uma máquina de escrever Hammond e aprendeu a utilizá-la, com certo grau de perfeição. Foi nessa máquina que ela escreveu seu primeiro livro, "História de Minha Vida". Já diplomada, ela publicou em 1908 "O Mundo em que Vivemos", em 1910 "A Canção da Muralha de Pedra", e em 1913 "Fora das Trevas". Tornara-se famosa e começou a fazer conferências.

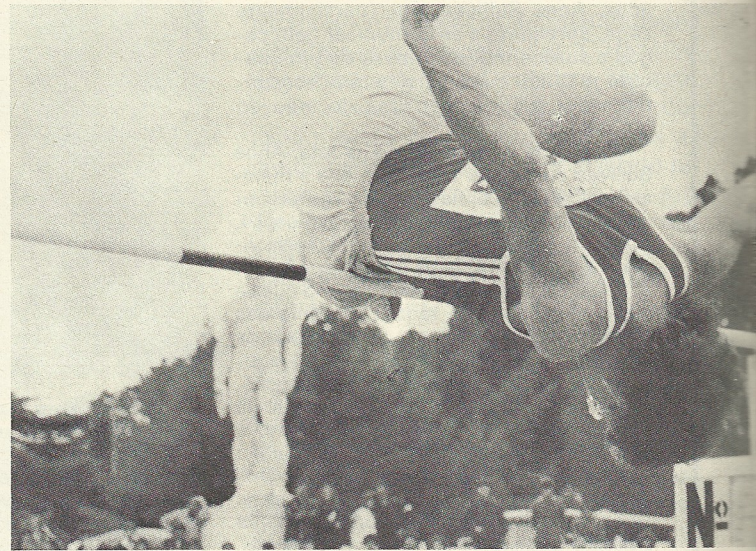
A morte de Anne Sullivan, em 1936, aos 58 anos, foi para ela um grande golpe. Então, passou a ter como acompanhante Polly Thomson, que foi sua companheira na viagem que fez ao Rio de Janeiro, em maio de 1953. Permaneceram juntas até que Polly morreu em 1960.

Viajante infatigável, Helen Keller praticamente percorreu o mundo inteiro, antes da Segunda Grande Guerra, com Anne Sullivan e, depois, com Polly Thom-



**Helen Keller e sua acompanhante Polly Thomson, por ocasião de sua visita ao Brasil, em 1953. No alto à direita, o prof. Mario Braga.**

son. Apesar de suas viagens, ainda encontrou tempo para escrever outros livros, entre os quais "Minha Religião", em 1927; "No Meio da Corrente - Minha Vida Após a Juventude", em 1930; "O Diário de Helen Keller" em 1930; e "Teacher" (Professora) ou "Minha Libertadora", em



1955. O "Diário" é considerado a mais notável de suas obras, por sua luminosa acuidade e pela amplitude do pensamento da autora, voltado para uma infinidade de problemas e interesses.

Na parte final de sua vida, Helen Keller vivia dos direitos autorais de seus livros, sempre publicados ou reeditados em alguma parte do mundo, e de um estipêndio financeiro que lhe era dado pela American Foundation for the Blind. Helen Keller, até 1962, ainda se mantinha em atividade, fazendo campanhas para essa instituição. Seu falecimento, aos 87 anos, em Westport, Connecticut, foi sentido no mundo inteiro como o de uma das mais impressionantes mulheres de nosso tempo.

Na última entrevista, ela disse esta frase:

«Creio que, através de todos esses anos de trevas e de silêncio, Deus usou a minha vida para um propósito que jamais compreendi. Mas espero um dia compreender; e, então, morrerei satisfeito».

(Síntese de um artigo de Magalhães Júnior, publicado em Manchete).

gosta de fazer. Nós lhe ensinamos algumas técnicas artísticas. Mas ele tem total liberdade de criar o que quiser, com todo o nosso apoio», informa uma das professoras.

O Instituto possui ainda salas especiais de treinamento auditivo, aparelhadas com equipamentos eletrônicos e instrumentos musicais, onde os alunos são treinados para distinguirem os sons graves e os agudos, perceberem a ausência e a presença do som e, enfim, a prestarem atenção auditivamente ao som, para chegar a identificar inclusive a voz humana. Além disso, há cabinas especialmente aparelhadas para treinamento auditivo individual.

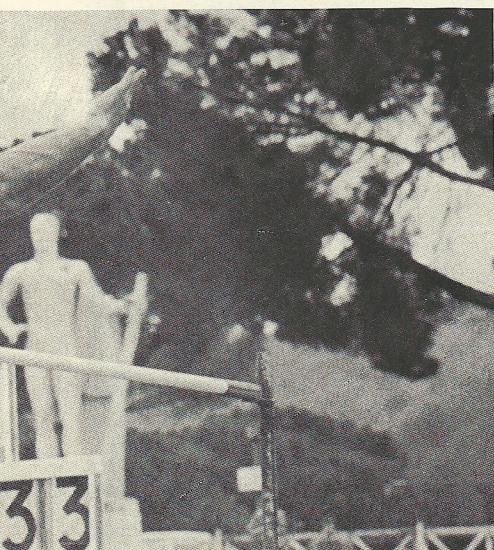
Nas salas de aula normais, os educandos recebem um tratamento bastante personalizado. Cada classe abriga um número máximo de oito alunos, dispostos sempre em forma de semicírculo. Todas as salas são aparelhadas com fones sem fios, que funcionam através de um circuito indutivo e são graduáveis, pelo próprio usuário, de acordo com o grau de sua perda auditiva.

Também se usa o recurso da comunicação "óssea" ou "corporal", que é feita através de um vibrador, o qual capta as mensagens pela vibração produzida pelo som no aparelho e pela fala do professor.

Em todas as fases do aprendizado, tem papel importantíssimo o envolvimento pessoal e emocional do professor no trabalho. É uma atividade que não pode ser vista pelo prisma frio do simples exercício profissional do educador. Depende, e muito, do quanto de amor ele coloca no relacionamento com os educandos.

Além desse envolvimento pessoal, a reabilitação do deficiente pressupõe um trabalho de equipe bem integrado. Neste sentido, são feitas reuniões periódicas com todo o pessoal e a direção. Existe ainda um programa de palestras dirigidas aos alunos e seus familiares, onde são discutidos temas de interesse comum, como o programa educacional e a formação espiritual. A escola promove também dinâmicas de grupo entre mães e professores, objetivando sempre o acompanhamento, por parte das famílias, do processo de integração do deficiente na sociedade. «Ainda existe — conclui Mário Braga — muita ignorância sobre a situação da pessoa deficiente. De forma geral, percebe-se que a sociedade como conjunto não assumiu o problema, que diz respeito a todos nós, e não considera o grande potencial humano existente na pessoa deficiente».

Sidney Maschio e Reinaldo Fleuri



O canadense Arnie Boldt, mutilado de uma perna, que nos últimos "Jogos Internacionais para deficientes físicos", realizados em Roma, superou o recorde mundial de salto em altura com a marca de 2,04 m. À esquerda: Masafu Muamatju, 21 anos, japonês; Candase Cable, 26 anos, de Las Vegas; Osanna Brugnoli, 24 anos italiana; campeões nas modalidades: salto em distância, maratona e esgrima.

## Destes atletas uma lição de vida.

As "Olimpiadas para portadores de defeito físico" nasceram em 1960, simultaneamente com as Olimpíadas de Roma, a partir de uma idéia de Sir Ludwing Guttman, médico alemão de origem hebréia, que dedicou toda a sua vida aos paraplégicos, criando para eles o Centro de Stokermantville, perto de Londres, dotado de aparelhamentos de vanguarda no campo esportivo e da reabilitação.

Os Jogos Olímpicos para deficientes físicos realizam-se de quatro em quatro anos nas mesmas nações que hospedam as Olimpíadas do COI (Comitê Olímpico Internacional). Nas Olimpíadas de Roma, em 1960, participaram 450 paraplégicos, representando cerca de 16 nações, com predominância ocidentais. Nas de 1972, (em Munique) participaram também os cegos e os amputados; no Canadá, em 1976, a participação foi aberta aos países extra-europeus. As últimas deveriam ter sido realizadas na Rússia, mas, por "dificuldades técnicas" alegadas pelos organizadores soviéticos, os VI Jogos Olímpicos para deficientes físicos se realizaram em Arnhen, na Holanda. Em 1984 serão disputadas em Los Angeles, na Califórnia.

Em Roma, de 2 a 5 de abril deste ano foram realizados os II Jogos Internacio-

nais para deficientes, que contou com a participação de 350 atletas de 29 nações, portadores de vários tipos de deficiência: paraplégicos, amputados, cegos, lesionados cerebrais. Disputaram quatro especialidades esportivas: atletismo, natação, bola ao cesto, esgrima. Suscitaram muita admiração alguns records estabelecidos, como o do canadense Arnie Boldt, que com uma só perna saltou 2,04 m em altura.

Num congresso médico simultâneo, foi ressaltada a enorme eficácia do esporte com finalidades de recuperação psicofísica ao menos parcial do deficiente, mas sobretudo como um válido meio de reintegração social. No campo da problemática mais vasta e complexa relativa aos portadores de deficiência, também esta contribuição proveniente do mundo do esporte se torna preciosa em vista de uma nova consciência social e de toda a iniciativa concreta que permita aos deficientes gozar dos mesmos direitos dos outros. «Porque se nós deficientes — declarou um dos promotores destes últimos jogos — podemos oferecer resultados notáveis no esporte, o que aconteceria se pudéssemos nos exprimir em todos os campos da vida, da cultura, do trabalho, da ciência, da arte?»